

ARTIGO 4

A PATERNIDADE DIVINA NO “PAI NOSSO”:
CONSEQUÊNCIAS

Luiz TARQUINIO*

RESUMO: A presente pesquisa trata da paternidade divina e suas repercussões na formação cristã. O estudo, que se faz sob a ótica dos conceitos consignados na oração do “Pai Nosso”, e que se fundamenta em materiais bibliográficos qualitativos, visa a examinar a definição de Deus-Pai e as consequências desta realidade para a formação cristã. O objetivo desta pesquisa não é focar amplamente em todo o conteúdo disponível na oração conhecida como “Pai Nosso”, ainda que alguns deles sejam aludidos de maneira tangencial. Contudo, o foco mais preciso é grifar o recorte introdutório, mais precisamente o destinatário da respectiva oração, ou seja, o "Pai". A oração paradigma do cristianismo não foi elaborada com vistas a servir de padrão recitativo ou como uma fórmula mágica que dispara a ignição do poder de Deus, mas a fim de

* Doutorando em Teologia pela PUC-PR; Mestre em Teologia (FABAPAR); Licenciando em Filosofia (Claretiano), Bel. Em Direito (UNICAM) e Teologia (STBNE); Pastor Batista (CBB); Email: luizafelizola@hotmail.com

fornecer conceitos e definições gerais acerca de como se deve orar. A primeira palavra que se encontra na suma oração demonstra que tipo de divindade se está adorando. O destinatário da oração é, antes de tudo, o Pai. Esta mudança de trato referente à pessoa divina enseja a transformação do olhar humano em relação à deidade. Com isso, Deus anseia demonstrar que mais do que ser adorado como todo poderoso, deseja sê-lo porque seja o dotado de ternos de inumeráveis afetos. Ao perceber esta influência, detectou-se, como resultado desta pesquisa, que o reconhecimento de Deus como Pai enseja maior possibilidade de os religiosos desfrutarem de mais saúde e vitalidade emocional.

PALAVRAS-CHAVE: Oração; "Pai Nosso"; Paternidade; Amor Paterno; Reza.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz à baila o assunto acerca da paternidade divina, uma das verdades reveladas na oração do “Pai Nosso”, e sua importância na formação cristã, visando a traduzir o conceito de Deus-Pai em destaque no “Pai Nosso” e analisar suas consequências na formação daqueles que seguem a religião cristã.

A oração do “Pai Nosso” carrega inerente variado cabedal pedagógico. Há conceitos bastante definidos em seu conteúdo, principalmente no que tange ao atributo paterno da divindade. Ao contrário do que muitos acreditam, a oração que Jesus ensinou, antes de ser uma fórmula que deva ser mecanicamente repetida, contém importantes núcleos pedagógicos, que deveriam ser analisados com mais minudência, mormente sob o enfoque de quem seja o Deus a quem é dirigida a respectiva oração.

O próprio Jesus, à guisa de introdução acerca de como se deva orar, ensinou: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar

serão ouvidos.”⁶ Parece claro, portanto, que tal oração carrega consigo muito mais carga pedagógico-teológica do que se imagina. Sua intenção não é servir como um modelo pronto de oração para os fiéis repetirem a esmo. Fosse assim, a mera recitação *ipsis literis* encaixaria perfeitamente. Entretanto, o parecer de Jesus foi no sentido de que, em verdade, as meras repetições, destituídas do interesse vinculado ao seu conteúdo, tornam a recitação vazia.

Na presente pesquisa o mérito se restringirá principalmente à figura do Pai presente na oração do “Pai Nosso” e em suas consequências para a formação cristã. O que Jesus queria ensinar por meio da “Suma Oração”? Teria Jesus desejado ministrar uma fórmula oracional ou ministrar um tratado teológico acerca do orar? Como a relação de intimidade com o ser adorado afeta a vida dos adoradores? Até que ponto essa mudança de significado acerca de Deus modificou o olhar humano em relação ao divino? Quais as consequências causadas na vida de quem realmente compreende a

⁶ Bíblia de Estudo Genebra. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo. Sociedade Bíblia do Brasil. Mateus Capítulo 6.7.

paternidade divina? Esta realidade influencia a relação entre o homem e Deus? São perguntas a que o presente artigo almeja responder.

Parece, entretanto, não haver aspecto místico na referida oração, as palavras ali consignadas não possuem força fantástica, não são como chaves adequadas para ativar as portas da graça de Deus, ao contrário, trazem no bojo princípios teológicos acerca do Criador, indicam de maneira clara quais seriam os mais importantes objetos da oração, fomentando a confiança daquele que ora em relação Àquele que recebe a oração, e o mais importante, discerne de fato quem seja a pessoa divina. Destarte, o objetivo deste trabalho não é focar amplamente em todo o conteúdo disponível na oração conhecida como “Pai Nosso”, ainda que alguns deles sejam aludidos de maneira tangencial, mas o foco prioritário é grifar o recorte introdutório, mais precisamente o destinatário da oração, ou seja, o Pai. É para Ele que se deseja olhar com maior atenção. Isto, ao contrário de ser um argumento contra a elaboração de novos estudos sobre outros pontos concernentes à suprema oração, anseia por fomentar futuros pesquisadores a

se deterem no manancial intenso de conteúdos existentes na oração ensinada por Jesus, pois seguramente tesouros serão descortinados e revelados.

Pretende-se ao final da pesquisa contribuir com aqueles que anseiam por conhecer melhor a Deus, oferecendo subsídios para que possam compreender mais precisamente a realidade acerca da pessoa divina, demonstrando a importância de se enxergar a Deus como Pai, descrevendo também a influência deste conhecimento na formação cristã. A pesquisa se aterá principalmente no “Pai Nosso”, com o escopo de elucidar o importante atributo da paternidade divina, com o fim permanente de demonstrar como este caractere pode influenciar a relação dos homens com Deus. Para isso, abordar-se-á os conceitos existentes na oração ensinada por Jesus, sem olvidar o que já fora escrito na literatura sobre o tema.

A pesquisa será principalmente bibliográfica, fazendo o manejo de livros publicados concernentes à matéria, contando, outrossim, com conceitos e definições encontrados nas Sagradas Escrituras e que digam respeito à matéria. Como fontes secundárias, utilizar-se-á, também, dissertações e teses

de doutorado, também artigos em modelo científico. Após a seleção do material que servirá de subsídio para a pesquisa, serão produzidas fotocópias destes materiais de acordo com os regramentos legais de direitos autorais, e a partir desta compilação, o conteúdo a ser utilizado servirá de fundamento para o presente trabalho.

1. A ORAÇÃO DO “PAI NOSSO”

A oração do “Pai Nosso” é uma das orações mais praticadas pelos cristãos. Muitos a recitam, não raro, como se contivesse porção de sobrenaturalidade nas palavras contidas no seu bojo, tal como acontece nalgumas experiências mágicas em que determinados vocábulos são repetidos com vistas à realização de acontecimentos espetaculares, como relata Gundry: “Para os possuídos por demônios, eis um encantamento aprovado por Pibéchis: toma azeite extraído de azeitonas verde, junte com cogumelos e essência de lótus e ferva com manjerona (bem clarinho) dizendo: Joel, Ossrtiômi, Emor, Theoquipsóite, Sitemeoque, sai de fulano de tal” (2008,

p. 80) Inclusive, a imortalidade do espírito também poderia ser alcançado por intermédio do recitar de senhas secretas que supostamente abririam os portais da eternidade para os fiéis, afastando todos os demônios perseguidores de suas almas para longe de si.

Entretanto, a intenção de Jesus ao proferir o ensinamento a respeito da “Suprema Oração” não foi erigir um sistema criptográfica de signos específicos que ativasse o poder de Deus. Não foi este o escopo de Jesus ao propor o modelo oratório, até porque as palavras contidas nos textos dos evangelistas Mateus e Lucas são distintas. Se o objetivo fosse ensinar senhas fantásticas dotados de poderes específicos, certamente os termos seriam iguais. Diante disso, parece não haver espaço para outra interpretação referente ao “Pai Nosso”, à revelia do fato de que Jesus desejou ensinar princípios que deveriam caber em todas as orações, muito mais do que forjar calhamaço vocabulares dotados de poderes específicos e sobrenaturais, aptos a ativar a atenção de Deus em direção àquele que está realizando a oração.

No mesmo diapasão, isto é facilmente percebido no introito produzido pelo evangelista Mateus que precede à oração: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tende necessidade, antes que lho peçais.”.⁷ Ora, se já na introdução, Jesus ensina acerca da inviabilidade das meras repetições, é porque sua intenção não era, por lógico, incentivá-las, o que reforça o ideia de que os princípios constantes no “Pai Nosso” são as peças fundamentais, e não os meros vocábulos. Tal proposta não impõe inferir a inviabilidade da prática de os cristãos recitarem *ipse literis* as palavras contidas na conhecida súplica, desde que, pelo menos, seja observado de fato o que se diz. Mas uma repetição automática não poderá ser considerada o ideal do ensino apostólico.

No seu magistério, Gundry adverte: “A Oração do Senhor ou Pai-Nosso (pater Noster em latim), está aqui como

⁷ Bíblia de Estudo de Genebra. **Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida**. São Paulo. Sociedade Bíblia do Brasil. Mateus 6:7-8.

exemplo da economia de palavras contra o acúmulo de frases vazias presentes nas orações pagãs” (2011, p. 231). Na visão do autor, pois, as palavras de *per si* não tem o condão de ativar a comunicação com Deus, não são elas que engatam a atenção do Destinatário. As orações pagãs costumavam possuir códigos específicos e palavras-chaves capazes de produzir determinados efeitos caso fossem recitadas corretamente por diversas vezes, como lembra Richards:

A adoração oficial em Roma exigia a repetição de fórmulas religiosas memorizadas. Se o sacerdote cometesse um único engano, todo o culto deveria ser repetido. Em contraste, Jesus nos lembra que a oração é a expressão de um relacionamento pessoal, e não um rito religioso. Os pagãos confiam no ritual. O povo de Deus entra espontaneamente na presença daquele a quem conhecem como Pai celestial (2015, p. 31).

Em relação a tal fato, Richards afirma que a oração do “Pai Nosso” não consiste num conjunto de palavras mágicas que devam ser repetidas a fim de ativar a atenção divina, mas sim uma revelação da atitude com a qual se deve aproximar do Deus, o Pai (2012, p. 608)

Além de ser Deus, Iavé é Pai. Por dentro das veias do discurso de Jesus encontra-se o conceito do Deus “Aba”, conforme contido no Evangelho de Marcos Capítulo 14, verso 36.⁸ “Aba, Pai” carrega consigo um importante núcleo pedagógico. Segundo a lição de Santos a palavra “Aba” seria uma transliteração da antiga língua aramaica, tendo o significado de “Pai” (SANTOS, 2011, pg.11). Ou seja, a repetição duplicada da palavra “Pai” tem em vistas reforçar seu sentido, dar ainda mais substância ao termo. A palavra siríaca – dialeto relacionado ao aramaico – “Aba” indica a ênfase que Jesus desejou atribuir ao vocábulo relacionado à paternidade (HENRY, 2008, p. 489).

A reiteração tem em vista repetir em duas línguas o sentido da palavra, elucidando a verdade relacionada à pessoa de Deus. Neste mesmo sentido, Gundry ensina: “Aba é o termo aramaico para ‘Pai’, fazendo supor a percepção de filiação que Jesus tinha em relação a Deus” (2011, pg. 204.). Inclusive, era proibido que um servo utilizasse tal vocábulo para se referir ao

⁸ **Bíblia de Estudo Genebra.** Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo. Sociedade Bíblia do Brasil. Mateus Capítulo 14:36

pater familias, uma vez que a expressão era privativa dos filhos de sangue. Segundo Pagola, Aba era uma expressão eminentemente familiar (2012). É nesta dimensão que Jesus inaugura o conceito de paternidade divina e a aplica ao “Pai nosso”.

1. O PAI NO “PAI NOSSO”

O termo “pai” é um vocábulo original do idioma grego, que faz parte da família idiomática indo-européia, (BROWN, 2000) encontrando variações no latim. A palavra Πατήρ (*patēr*) é encontrada por diversas vezes nos textos do Novo Testamento (DENHAM, 1994.). Há, também, derivações do termo no sânscrito *pitár* e no persa antigo *pitár*. (KITTEL, 1964). A Septuaginta, Antigo Testamento traduzido para o grego, já se utilizava da palavra *patēr* para traduzir o vocábulo hebraico *‘ab*, e geralmente era usado num sentido secular, e somente de modo ocasional com um viés religioso (BROWN, 2000). No grego secular, principalmente em Homero, na sua conhecida obra Odisseia, a palavra era empregada para se referir à figura de um patriarca, mas também podia ser usada para declamar

um signo honorífico. (BROWN, 2000). O radical *pater* nada mais é do que a expressão exata da palavra ‘pai’ em português, e também serve de base para as palavras pátria, patriota e patriarca. Na terminologia romana, pai (*pater*) era o líder da família (*paterfamiliae*) que, como cidadão de Roma, tinha ingerência no exercício da soberania do Estado. (SILVA, 2014).

Segundo Stella, a oração é acompanhada da invocação a um Ser supremo (1970) A oração do “Pai Nosso” começa fazendo menção especial à figura para quem a súplica é dirigida, qual seja o Pai. O destinatário de uma dada oração exemplifica de modo cabal com que tipo de religiosidade se está trabalhando. Ao escutar a oração de uma dada pessoa, entendendo a quem está se dirigindo, pode-se de pronto verificar sua confissão, pois a divindade citada é parte determinante da experiência religiosa. Ao ensinar seus discípulos a orarem, Jesus indicou o destinatário. No centro da religiosidade cristã, passou, portanto, a figurar um ser chamado de “Pai”.

De acordo com as escrituras o nome de uma pessoa indica seu caráter. Em contraposição aos variados nomes

existentes de divindades à época, o nome de Deus: “EU SOU O QUE SOU” inspirava por si só espanto e admiração. (CHAMPLIN, 2000). Por intermédio do seu nome, o desejo de Deus era causar tais sensações. No mundo antigo, pensava-se que os nomes estivessem intimamente relacionados à essência da pessoa. Saber como era o nome de alguém importava em verticalizar o conhecimento acerca de sua natureza ontológica, obtendo potencialmente a oportunidade de dominá-la. (ALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2003). Mas tais princípios não eram pertinentes tão somente às divindades, aplicava-se também aos nomes de indivíduos. Há nas Escrituras diversos nomes de pessoas que tinham significações específicas. A começar de Adão, que significa “proveniente da terra”, até Jesus, que assenta o princípio de que “Iavé salva”.

Percebe-se, destarte, que ao indicar o nome do destinatário da oração do “Pai Nosso”, Jesus ansiava demonstrar a realidade última acerca da pessoa divina, e sua relação com os homens. Não foi a esmo que iniciou sua oração modelo focando em quem seria o respectivo destinatário daquela súplica. O Deus-Pai era o responsável por receber as

orações dos religiosos. Ou seja, diante da oração, signo maior de uma dada religiosidade, como já visto, Jesus parece negritar o fato de que Deus é, além e acima de tudo, Pai. É para Ele que os discípulos deveriam dirigir súplicas; é para Ele que os cristãos são animados a pedir o alimento diário, é o Reino deste Pai que os religiosos são incentivados a pedir que venha.

A importância singular do “Pai Nosso” reside no fato de ser a oração ensinada por Jesus. Nela está contida, ademais, o núcleo teontológico da doutrina neotestamentária que atribui a Deus paternidade. Desde muito cedo, Jesus identifica Deus como Pai. O Evangelho de Lucas notícia que uma das primeiras palavras ditas por Jesus tinha relação com o Pai (HASTINGS, 1924); e uma das últimas proferidas por Ele também. “E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou.”⁹ Um garoto de doze anos chamava Deus de Pai, mais de vinte anos depois, no final de sua vida, as últimas palavras tinham também relação direta com o Pai. O Reino de Deus, em verdade,

⁹ Bíblia Sagrada. **Versão Corrigida de João Ferreira de Almeida**. São Paulo. Sociedade Bíblia do Brasil. Lucas Capítulo 23:46.

que Jesus desejava instalar na terra é um reino comandado pela figura de um Pai (HASTINGS, 1924).

O Deus pintado por Moisés, que somente podia ser visto pelas costas, em Jesus, vira-se de frente e estende as mãos para a humanidade em símbolo de uma adoração amiga. Contudo, há quem defenda outro ponto de vista, vendo a indicação de que Deus está nos céus, como leciona a sagrada oração do “Pai Nosso”, como um fator a ensejar reverência. Rienecker, por exemplo, defende a ideia de que não se poderia chama-lo de “paizão”, pois isto seria demasiadamente irreverente em relação ao divino. Para ele, a petição “Pai nosso, que estás nos céus,” significa a importância do cuidado em relação à santidade de Deus, pois: “Estamos radicalmente impedidos de transformar Deus-Pai em nosso ‘paizão’. A expressão “Pai nosso, que estás nos céus” combina a bondade, que gera confiança, com a reverência mais sagrada. Qualquer intimidade grotesca e falsa fica de antemão excluída. A confiança no Pai jamais pode tornar-se uma familiaridade irreverente. Pois o Pai é e permanece santo” (RIENECKER, 1998, p. 104). Mas será que de fato não poderia existir vínculo

intimista e respeito ao mesmo tempo? Será que toda intimidade no trato implica em perda de autoridade? Parece que tais respostas devam encontrar uma negativa.

Ao estudar os Evangelhos, apercebe-se que o próprio Jesus permite uma aproximação física que para alguns poderia beirar a irreverência. O “discípulo amado”, *verbi gratia*, encosta-se carinhosamente no corpo de Jesus e não recebe qualquer admoestação para não fazê-lo. Da mesma forma, a mulher doente com fluxo de sangue toca em Jesus, e não há quaisquer dificuldades de Ele aceitar esse fato. Era prova de uma grande amizade, não de desrespeito. (CARSON, 1991)

Caso Deus não quisesse intimidade não teria se feito homem, nem mesmo vindo em carne. A encarnação é a maior prova de que Deus não se sente tolhido na sua grandeza por relacionar-se conosco, ao revés, regozija-se no contato íntimo de uma relação amistosa, e assim como se encontrava com o homem no Éden despido de protocolos – pois Adão ainda não tinha sido preenchido pelo pecado – ainda mais agora depois da limpeza operada por Jesus na humanidade por meio do sacrifício Calvário.

Não há passagens no Antigo Testamento que contenha a invocação de Deus como Pai. As ideias acerca da paternidade divina existem, mas os textos não são invocativos, mas sim sentenças afirmativas (CARSON, 1991). Há uma história judaica que afirma que quando a região estava carente de chuva, os mestres chamavam as crianças da escola para lhes agarrarem a franja do manto de suas roupas suplicando: “paizinho, paizinho, dá-nos chuva”. Então, os mestres oravam a Deus pedindo ao Senhor misericórdia por aquelas crianças que não sabiam distinguir entre um pai-mestre, incapaz de lhes deferir bênçãos, e o Pai-do-Universo, este sim, competente para responder-lhes as petições. (JEREMIAS, 1971) Destarte, apercebe-se que havia ainda no judaísmo o gérmen do modelo de uma divindade dotada de elos paternais. No livro de Ben Sira, um professor judeu que viveu na palestina no século II a. C., há determinadas invocação a Deus como “Senhor meu pai, e o Mestre da minha vida”. Tal fato dá indicações acerca de alguma noção, dada pelo judaísmo, concernente a um Deus dotado de atributos paternos.

Ademais, toda introdução traz no seu bojo a essência do que será conceituado *a posteriori*. Ela é utilizada geralmente para fazer uma apresentação do que será dito adiante (TASKER, 1971), focando especialmente as definições eleitas como de maior importância para o redator. Na oração do “Pai Nosso”, verifica-se claramente, por intermédio da introdução que lhe serve de introito, representado principalmente pela primeira palavra, que um dos seus fundamentos é a indicação de que Deus seja Pai. É exatamente com a palavra “Pai” que Jesus inicia a lição de como seus discípulos deveriam orar. Tal fato não se assenta tão somente no fato de ser este o destinatário da oração, mas também tem o fito de sublinhar, desde logo, uma definição clara acerca da divindade.

O que Jesus ansiava, em verdade, levando em conta os diversos signos contidos no enredo da “Suma Oração”, era principalmente deferir a noção exata de que Deus é Pai. Se como afirmou o texto juntado acima, a comunicação está de maneira essencial vinculada ao código, a maior lição deixada por Jesus no “Pai Nosso” foi comunicar que Deus era Pai. Portanto, percebe-se não ter sido a esmo que Jesus introduziu

sua oração chamando inicialmente Deus de Pai. Hendriksen testifica, com a lucidez que lhe é peculiar, que o Senhor dos senhores é ao mesmo tempo um Deus poderoso e familiar, que preza não pelo medo dos homens mas pelo seu amor (HENDRIKSEN, 2007). Afinal de contas, o que significaria para qualquer pai obter o mero respeito dos seus filhos mas permanecer a léguas do seu afeto. O desejo último de quaisquer pais é amar e ser amado, e uma das maiores características daquele que ama é marginalizar a distância, aproximando-se do ser-querido.

2. CONSEQUÊNCIAS DA VISÃO DE UM DEUS-PAI

A dimensão do “Pai Nosso” não carrega meramente o aspecto vertical, ou seja, a dimensão homem-Deus, mas traz no seu conteúdo também o âmbito horizontal, isto é, o aspecto homem-homem. Se Deus é chamado de “Pai Nosso”, importa afirmar que aqueles que realizam a suprema oração são antes de tudo membros da mesma família, haja vista possuírem o mesmo Pai. São, portanto, irmãos, o que termina por gerar, nalgum sentido, a ideia de um maior compromisso entre eles.

Relação esta que envolve a noção de fraternidade espiritual. A visão exata da pessoa de Deus, desta forma, termina gerando vinculação familiar entre os religiosos. Eles não são tão somente pessoas que se reúnem em torno de uma dada religiosidade, mas que estão enleados com vínculos fraternos. Essa visão familiar traz junto consigo a realidade adjunta acerca da impossibilidade de se escolher os irmãos. O compromisso familiar se espria para além daquilo que o outro tenha ou seja.

Na oração ensinada por Jesus, Deus não é monopólio pessoal de uma pessoa, mas de todos aqueles que desejarem tê-lo como Pai. Esse é o motivo de pluralizar o pronome utilizado. Deus na oração não é o “meu Pai”, mas o “Pai Nosso”.

Esse vínculo familiar perpassa todos os centímetros dessa oração, indicando o tipo de relacionamento esperado dos homens em resposta ao amor dispensado por Jesus. O orante aproxima-se de Deus como membro de uma comunidade e não como um indivíduo isoladamente. A pessoa é desviada de si própria e de seus particulares interesses, a fim de integrar-se à comunidade chamada Igreja (RIENECKER, 1998). A utilização do plural evidencia a grande importância dada por Jesus à

sociabilização no processo de invocação a Deus (BROADUS, 1942). Jesus caminhou e conversou com seus discípulos da mesma forma que Deus conversou com Adão e Eva (JACOBS, 2010)

Há quem entenda a oração do “Pai Nosso” como uma oração para ser feita em família, ou seja, uma prece que deveria ser feita pelos seus membros: pai, mãe, filhos e filhas. Entretanto, tal não parece ser a conceituação ideal, a não ser que se entenda como família a Igreja (BARCLAY, 1972). Esse ponto de vista se assemelha exato, até pelo fato de ter sido endereçada aos seus discípulos e muitos deles ainda não possuir uma família.

O termo “Pai” é a expressão que melhor qualifica o Deus cristão (BARTH, 1958). Para Harnack, a compreensão acerca de Deus é demasiadamente facilitada quando analisada à luz da ideia de Ele ser Pai, e exaltar em muito a importância do filho. No fato de ter transformado os homens e mulheres em filhos, repousa o descanso que se pode usufruir por meio da mensagem cristã. O fato de os homens serem filhos de Deus

transforma o cristianismo numa religião bastante particular (HARNACK, 1902).

Parece ter sido exatamente o fato de Deus se apresentar como Pai que melhor identifica o cristianismo, que pode ser resumido como a “Religião da Família”, local onde o sagrado ganha ternos de intimidade no coração do adorador e onde Deus recebe o nome de Pai. “A paternidade de Deus está, pois, nas raízes da fé cristã” (RODRIGUES, 2001, p. 51). Rodrigues defende que:

Jesus teve no Pai – Aba – a fonte permanente de sua identidade, a sua experiência mais radical, da qual brotava sempre de novo suas palavras, seu modo de ser e a consciência de sua missão. Todos conhecemos a sua resposta a Filipe que pedia lhe mostrasse o Pai: “Faz tanto tempo que estou no meio de vocês, e você ainda não me conhecesse, Filipe?” (...) Em Jesus, tal como os evangelhos no-lo traduzem, a experiência de Deus, teve na expressão “Aba” a sua mais perfeita condensação”. (RODRIGUES, 2001, p. 51)

Para o Autor citado, portanto, alguns ensinamentos evangélicos poderiam ser resumidos na compreensão de ser

Deus um Pai. A mensagem cristã poderia ser resumida em uma ideia básica: Deus é Pai (HARNACK, 1902).

A imagem que Jesus deseja sublinhar em relação a Deus é que este não era alguém estranho e alheio, mas pertencente a um círculo intimista. Alguns acreditam que o conceito de Deus ser um pai seja algo inaugurado por Jesus, como é o caso de Richards, para quem este trato em relação ao divino seria uma novidade, principalmente pelo motivo de desprotocolizar as orações efetuadas de maneira corporativa nas sinagogas e no Templo, e que eram endereçadas a Iavé, para transformá-las em uma experiência relacional com o ser paterno. (RICHARDS, 2015)

A mudança neste trato específico, tira o orante da distância burocrática para um relacionamento de maior intimidade. A reverência fria e austera encontrada nas orações judaicas perde força para o calor da intimidade, trazendo Deus do exterior ritualístico para a nudez do quarto filial, ensejando uma relação mais real. Portanto, Deus é tirado do foro religiogístico e conduzido para a vida privada do discípulo, como Lutero ensinou no seu magistério:

Mas isso é que importa: que seja uma oração sincera, e não uma hipocrisia como foi até agora a oração deles e a nossa. Por isso, Cristo começa a ensinar-lhes o orar autêntico, mostrando como dispor-se para tal, ou seja, que não fiquem parados orando publicamente na rua, e, sim, sozinhos no recolhimento do seu quarto em casa, etc... Isto quer dizer principalmente que larguem a falsa intenção de quererem orar em função de boa fama, do prestígio ou coisa que o valha; não que fosse proibido, que não devesse orar na rua ou publicamente, pois um cristão não está preso a lugar algum e pode perfeitamente orar em qualquer parte, seja na rua, no campo ou na igreja. Só que não deve acontecer em função das pessoas, buscando proveito e renome (LUTERO, 1995, p. 118).

A partir da imagem paternal, o semblante divino é suavizado, dando início a um espectro de segurança e paz. Esta mudança de trato em relação ao divino sublinha com riscos fortes a imagem que Jesus desejava imprimir a respeito de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se ter alcançado o fim para o qual foi construído o presente artigo. A pesquisa utilizou-se eminentemente de materiais bibliográficos para a compreensão acerca do tema. A partir deles e de seu cotejamento foi sendo construídas e analisadas questões pertinentes à pesquisa. Tais fontes bibliográficas se tornaram a principal ferramenta de fundamentação teórica desta pesquisa, e formaram o lastro de assentamento de suas bases argumentativas e dos exames realizados a respeito do tema tratado.

Este estudo teve por objetivo analisar a oração do “Pai Nosso”, focando em principal a paternidade divina e sua conseqüente reverberação na vida daqueles que seguem a doutrina cristã, verificando até que ponto a mudança no trato com o divino, apresentado como Pai, modificou o olhar humano em relação a Deus.

A primeira palavra da Oração é “Pai”. Esta primeira palavra ressoará até os últimos dias de vida dos filhos, em certificação de pertencimento, como garantia inesquecível de que Deus é Pai. Por meio do “Pai Nosso”, Jesus ensinou

importantes conceitos e definições acerca de Deus, o que terminou por descortinar mais plenamente seus atributos paternais. Por exemplo, o Pai é o supridor das necessidades mais básicas do filho: Ele lhe fornece o Pão – numa simbologia de sustento integral que inclui: ar, água, correto funcionamento da mastigação e digestão –; Ele sabe o que é melhor para os filhos, por isso incentiva que se peça a Sua vontade; e também Ele é a proteção da prole: é quem livra sua criação de todos os males.

Após o presente estudo, detectou-se que a visão acerca da paternidade nos padrões expressos no “Pai Nosso”, conduz a uma visão acerca de Deus muito mais gentil e carinhosa. O Deus-Pai carrega inerente consigo uma doçura peculiar, que impulsiona seus seguidores a uma realidade de fé muito mais verdadeira, profunda e amistosa. O Deus paterno, conforme visto, não oferta temor, não deseja ser temido, mas amado e amigo. A compreensão acerca desta realidade faz do divino, um divino amigo, comprometido profundamente com seus filhos, o que enseja segurança, autoconfiança e amor próprio nos

religiosos, pois conhecem sua importância pessoal e o tamanho do amor direcionado a eles pelo Deus-Pai.

O presente trabalho, sem a pretensão de esgotar o tema, espera ter contribuído para fomentar a divulgação do atributo da paternidade divina nos círculos cristãos, uma vez que, apesar de ser uma realidade, seu desconhecimento e falta de publicidade importará na falta de uma relação amistosa e familiar com Deus, o que desenvolverá relacionamentos homem-Deus impregnados de impertinência, medo e desconfiança. Estas situações serão evitadas se houver realmente a noção exata de quem seja Deus, se existir a compreensão de que este Deus não é um onipotente estranho e alheio, que requer despoticamente determinadas práticas e atitudes das pessoas, requestando a prostração dos homens para que Ele se sinta bem. A partir do momento em que a paternidade divina é experimentada sob os conceitos apresentados na oração do “Pai Nosso”, a religião se transformará em encontro de família e a figura divina terá o que sempre quis ter: o coração das pessoas.

O presente artigo chegou a resultados que podem contribuir para a escorreita visão acerca do atributo divino referente à paternidade, cujo domínio pode auxiliar os religiosos a contemplar o Divino realmente como Ele é, dotado de poder, glória e da suma do maior amor, representado pelo seu desejo de estar vinculado aos adoradores da maneira mais intimista possível, erigindo os cristãos à condição de filhos de Deus, graça concedida aos que seguem ao Cristo em discipulado. Finalmente, espera-se ter contribuído para a identificação da paternidade divina de maneira menos teórica e mais prática, demonstrando as consequências positivas de se olhar para Deus como Ele é, enxergando-O para além da Onipotência, da Onipresença ou da Onisciência, mas sob o enfoque principal de sua Onipaternalidade.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **O Pai nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos**. São Paulo: Editora Critã. 2003.

BÍBLIA DE ESTUDO GENEBRA. **Versão de Almeida Revista e Atualizada**. 2ª Edição. Barueri: Sociedade bíblica do Brasil. 2009.

BROADUS, John A. **Comentário do Evangelho de Mateus**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1942.

BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia**. São Paulo: Vida Nova. V. II, 2000.

CARSON, D.A. **Commentary of The Gospel according to John**. Leicester: William Eerdmans Publishing. 1991.

CHAMPLIN, Russel Norman; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Candeia. 1995.

DENHAM, James Richard. **Concordância fiel do Novo Testamento: grego-português**. São Paulo: Editora Fiel. 1994.

GUNDRY, Robert. **Panorama do Novo Testamento**. 3ª edição. São Paulo: editora Vida Nova. 2011.

HARNACK, Adolf. What is cristianity. New York: Putnam's sons.1902, pg. 68.

HASTINGS, James. **A Dictionary of Christ and the Gospels**. New York: Charles Scribner's sons. 1924.

HENDRIKSEN, William. **New Testament commentary Mathew**. Grand Rapids: Baker Academy. 2007

HENRY, Mathew. **Comentário bíblico de Mateus a João**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora CPAD. 2012.

JACOBS, Cindy. **O poder da oração persistente**. São Paulo: Editora Vida Nova. 2010.

JEREMIAS, Joachim. **A mensagem central do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Academia Cristã. 2005.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus**. São Paulo: Editora Paulinas. 1977.

KITTEL, Gerhard. **Theological dictionary of the new testament**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company. 1964.

LUTERO, Martinho. **O pai nosso**. São Paulo: Castex. 1947.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis. 5ª edição: Vozes. 2012.

RICHARDS, Lawrence. **Comentário histórico-cultural do Novo Testamento**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora CPAD. 2015.

RICHARDS, Lawrence. **Guia do leitor da Bíblia**. Rio de Janeiro: Editora CPAD. 2012.

RIENECKER, Fritz. **Comentário esperança**. Curitiba.: Editora Evangélica Esperança. 1998.

SANTOS, João Batista Ribeiro. **Dicionário Bíblico**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Didática Paulista. 2011.

SILVA, de Plácido. **Vocabulário jurídico**. 31ª edição. Rio de Janeiro: Editora Forense. 2014.

RODRIGUES, Sales. **A paternidade no confronto entre psicanálise da religião e fé**, pg. 3-12 In: Teo comunicação, v. 31, n. 131 Porto Alegre: EDIPUCRS. 2001.

STELLA, Jorge Bertolaso. **Introdução à história das religiões**. São Paulo: Imprensa Metodista. 1970.

TASKER, R.V. **The gospel accoding to St. Mathew: an introduction and commentary**. London: The Tyndale Press, 1971.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Vitor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário bíblico atos**. Belo Horizonte: Editora Atos. 2003.